



Passeata em defesa do SUS, no viaduto da Av. Tancredo Neves, em frente ao jornal A Tarde – 23/07/2013

Esta edição da revista *Luta Médica* é publicada num momento muito especial. O período histórico que vivemos – no âmbito da política, economia, educação, segurança e condições de trabalho –, apresenta grandes desafios para a sociedade. Extremamente oportuna, esta entrevista com o presidente do Sindimed, Dr. Francisco Magalhães, aborda as lutas empreendidas pelos médicos e médicas da Bahia, através do Sindicato e as perspectivas para 2018. Independente do que venha a ocorrer nas eleições presidenciais, o ano será um marco na história política do País. Além disso, teremos o processo eleitoral que definirá a próxima diretoria do Sindicato, assunto que Magalhães também aborda aqui e o faz publicamente pela primeira vez.

ENTREVISTA | FRANCISCO MAGALHÃES

Sindicato atu

■ **Luta Médica: Encerrando mais um ano de atividades, que balanço pode ser feito sobre a luta dos médicos e a atuação do Sindimed ao longo desse período?**

Dr. Francisco Magalhães: Nosso entendimento, meu e da atual diretoria, é de que o principal enfrentamento dos médicos é contra a precarização das relações de trabalho, mas não só dos contratos, também do ambiente e da infraestrutura que temos hoje, notadamente na saúde pública. Eu sei que final e início de ano tem sempre um balanço, mas essas questões que eu falei não são específicas deste ano. Todas as diretorias dos últimos tempos têm atuado nesse enfrentamento. Eu recebo mensagens e ligações o tempo todo, não tem hora. São colegas terceirizados ou contratados como PJ e também de falsas cooperativas, que têm seus direitos desrespeitados.

A maioria dos gestores – seja dos governos federal, estadual ou municipal –, não respeita os médicos. E não respeitam porque não estão preocupados com a qualidade do atendimento à população. A saúde para eles é só um negócio.

■ **Luta Médica: E um negócio que rende muito dinheiro...**

FM: Sem dúvida. Prova disso é que em todo lugar tem empresa fazendo intermediação do trabalho do médico. Muitas vezes de forma ilícita. Já tivemos caso, como o do IMCBA (Instituto Médico-Cardiológico da Bahia), em que o dono foi preso por superfaturamento nos serviços prestados às prefeituras de Salvador, Lauro de Freitas, Madre de Deus, S. Francisco do Conde e Candeias.

ante faz toda diferença

Os gestores deveriam avaliar a idoneidade das empresas que contratam. Mas parece que são os primeiros a abrir as torneiras do dinheiro público conforme os próprios interesses.

Na verdade, o ingresso no serviço público deve ser por concurso. Mas há anos os governos não fazem esse tipo de seleção. É lamentável que os médicos tenham que se submeter à precarização dos contratos para ingressar no mercado de trabalho.

■ Luta Médica: Como tem sido o embate com o governo por concurso público?

FM: Essa bandeira do Sindimed é histórica. Continuamos brigando por isso, denunciando para a sociedade e em todos os fóruns de luta que os governos não abrem concurso. A falta de concurso está na raiz da precarização.

Hoje, tudo é na base da terceirização generalizada, o que provoca enormes distorções no serviço público e acarreta grande descontrole de gestão. A estrutura pública é a primeira a cometer ilegalidades, porque a lei determina que as contratações sejam diretas, por concurso e tal, mas os gestores simplesmente descumprem.

Temos recorrido ao Ministério Público – do Trabalho, do Estado e até federal -, mas a ilegalidade persiste.

■ Luta Médica: E na mobilização dos médicos para cobrar os direitos, o que o Sindimed tem feito?

FM: Organizamos manifestações, paralisações e negociações. Muitas vezes o caminho tem que ser judicial. Ingressamos com ações na Justiça do Trabalho o tempo todo. Outras vezes recorremos ao

Ministério Público Estadual ou do Trabalho. Até reuniões com o arcebispo de Salvador, Dom Murilo Krieger, já fizemos, no sentido de sensibilizar gestores da Saúde para o drama vivido por médicos e pacientes.

Mas não é só isso. Muitos hospitais estão sucateados, as UPAs trabalham com número insuficiente de profissionais, as empresas terceirizadas atrasam os salários com frequência, em alguns casos dão calote mesmo. Tudo isso chega pra o Sindicato atuar. E nós vamos pro enfrentamento. Apoiamos os médicos em tudo.

Temos defendido os médicos frente a todos os governos – municipal, estadual e federal -, não importa de que partido for. E nossa luta tem sido muito forte. Uma prova desse incômodo que causamos ao governo são as retaliações com que tentam atingir o Sindimed. Por diversas vezes os governos acionam a Justiça para impor multas ao Sindicato quando fazemos greves.

Este ano, o governo de Rui Costa foi além. Suspendeu por quatro meses o desconto das mensalidades sindicais repassadas à entidade, que são a principal fonte de financiamento das lutas. O objetivo claro foi de atingir a saúde financeira do Sindimed e, assim, enfraquecer a capacidade de enfrentamento dos médicos.

■ Luta Médica: Como esses ataques impactam o Sindimed?

FM: São golpes baixos que causam dificuldades. Mas o Sindicato não se intimida. Nosso papel é esse mesmo de enfrentar as situações adversas, que os médicos não podem enfrentar sozinhos.

A gente faz a luta política, de buscar respaldo na sociedade, na população, junto aos parlamentares – nas Câmaras Municipais, na Assembleia Legislativa e até no Congresso -, e também na Justiça, mobilizando advogados da nossa assessoria jurídica, para fazer valer os direitos da categoria. Foi com ações na Justiça que já revertemos multas astronômicas que queriam impor ao Sindimed para quebrar a força das greves. E, este ano, foi na Justiça também que resgatamos o desconto das mensalidades que a Sesab havia suspenso. Claro que os quatro meses sem descontos tiveram um impacto. O Sindicato tem uma estrutura ativa e dinâmica que continuou atuando, mesmo com o baque de mais de 60% na arrecadação. Tivemos que cortar despesas, por exemplo, com mídia, que é muito importante para manter a sociedade informada sobre questões que envolvem a saúde pública. Fizemos ajustes no orçamento interno, de pessoal e material. Contingenciamos pagamentos e rolamos dívidas. Mas garantimos o fundamental que é a continuidade da luta.

■ **Luta Médica: Por falar em luta política, em 2018 tem eleição para diretoria do Sindimed. Como está esse processo de formação de chapa e disputa eleitoral?**

FM: A eleição, como prevê o estatuto, será em março. Por isso o processo eleitoral ainda não foi deflagrado pela atual diretoria. Além disso, nossas prioridades têm se focado num intenso trabalho em defesa dos médicos. Como já expliquei antes. Sabemos que setores da área de saúde se articulam para tentar antecipar a disputa eleitoral e dividir os médicos, tentando minar a categoria pelas bases. Mas os médicos baianos têm discernimento. Discursos que escamoteiam interesses de grupos políticos não resistirão a uma análise mais criteriosa na hora da eleição.

No momento apropriado, defenderemos a formação de chapa com participação plural, que repre-



Dr. Francisco Magalhães: o Sindimed não se intimida

sente o conjunto da categoria, como tem sido historicamente.

As frequentes mobilizações acabam revelando pessoas cuja participação tem muita afinidade como o que é o papel do Sindicato. Uma entidade só é forte quando quem se propõe a liderar tem efetiva participação nos movimentos e é provado na luta. Não adianta ter pessoas numa direção sindical que não tem atuação nas bases, que só atua em gabinetes.

Como se pode ver nas matérias desta e de todas as revistas do Sindimed, a luta dos médicos é cada vez mais radicalizada, com greves e manifestações organizadas com várias outras entidades que compõem o movimento social e, naturalmente, com a população que conhece e sofre os dramas vividos na saúde pública.

■ **Luta Médica: Os integrantes da atual diretoria estarão na disputa?**

FM: Certamente que sim. Talvez não todos queiram continuar na direção da entidade, mas os mais atuantes com certeza permanecerão na disputa, porque tem um projeto consistente de estrutura e de organização. Da minha parte, estou disposto pra essa luta e sinto-me em condições de continuar contribuindo.

Muitos se lembram de que há 30 anos o Sindicato funcionava em uma pequena casa alugada, atrás

do Colégio Central, na Avenida Joana Angélica. De lá pra cá muita coisa mudou. Hoje temos sede própria, uma estrutura funcional atuante e profissionalizada, atuações em todo o Estado, com sub-sede nas principais regiões da Bahia.

■ Luta Médica: O Sindimed avançou muito em estrutura, né?

FM: Muito! Além das frentes de luta, da mobilização nos locais de trabalho, com manifestações, paralisações e greves, temos departamentos que cuidam do médico de maneira ampla. É o caso da defensoria jurídica, com advogados das mais diversas áreas, que têm garantido direitos da categoria frente às explorações.

Temos uma assessoria contábil para atender as necessidades dos médicos nessa área. Uma gráfica que garante à categoria preços bem abaixo dos praticados pelas empresas comerciais. Temos um departamento de comunicação que mantém os médicos bem informados.

Tudo isso é uma construção ao longo dos anos, que vem se solidificado nas gestões mais recentes de que eu e vários colegas nos sentimos orgulhosos de participar. E o nosso compromisso de dar continuidade a esse trabalho, os médicos e médicas da Bahia sabem.

■ Luta Médica: Existe algum critério ou perfil para integrar a diretoria do Sindimed?

FM: Todo profissional médico pode compor a diretoria. Naturalmente a definição das chapas se dá por afinidades de princípios e projetos de luta política em que o Sindicato atua. Mas não precisa de carteirinha de partido ou coisa assim. Muito pelo contrário. O Sindicato não tem partido, nunca teve e continuaremos zelando para que não tenha. A composição da atual diretoria é eclética. Tem médicos com filiação partidária e também os que não se vinculam a nenhuma agremiação. As decisões são colegiadas, com a participação de to-

dos, sem predominâncias. Queremos que isso seja sempre preservado.

Houve, recentemente, inclusive, algumas tentativas de caracterizar o Sindimed como partidário. Mas isso não se sustenta porque, como já disse, nossa luta em defesa do médico tem sido constante e independente de qual partido são os governantes dos municípios, do estado ou do País. Por isso, sindicato não pode ter partido. Quem pode ter partido são as pessoas, que individualmente são livres para escolher como atuar na sociedade, para fazê-la mais justa, ética e humana.

■ Luta Médica: Que desafios você vê pela frente, em 2018 e para a próxima gestão?

FM: Será um tempo marcado por muitos enfrentamentos. A reforma trabalhista ainda nem começou a provocar todos os impactos danosos que estão no texto da nova lei aprovada. E se os médicos já vinham pensando com a terceirização e os contratos fraudulentos, a coisa pode ficar ainda mais grave. Por isso, a luta terá que ser reforçada em todas as frentes.

Além disso, temos a ameaça da reforma da Previdência que também preocupa. O médico, cada vez mais penalizado pelas precariedades estruturais e contratuais, agora pode enfrentar também maior dificuldade para se aposentar.

Em 2018, teremos eleição para presidente nesse cenário de ataques aos direitos sociais. Certamente haverá muito tensionamento e polarização. Os médicos devem acompanhar com atenção o desenrolar dos fatos para separar o joio do trigo.

Ao editor de Luta Médica, Ney Sá, o presidente se disse otimista para 2018

